

# Educação: construção democrática

Maria José Lindgren Alves \*

"Ai, palavras, ai palavras  
Que estranha potência a vossa!  
Ai, palavras, ai palavras  
Sois de vento, ides no vento..."  
(Cecília Meireles, *Das Palavras Aéreas*)

**P**alavras injustas ou maldosas deixam ecos muitas vezes profundos. Apesar de serem "de vento", é preciso ter muito cuidado com elas. Desde o primeiro governo Brizola, a escola pública de nosso Estado então renovada, restaurada, injetada de novo ânimo através do projeto Ciep (Centros Integrados de Educação Pública) tem sido objeto de polêmica e de acusações até mesmo por parte de alguns especialistas em educação".

— "Ciep é só um prédio; não tem proposta pedagógica."

— "Ciep é uma escola assistencialista apenas."

— "Ciep é uma prisão de menores."

E às palavras seguiram-se ações que foram atingindo seu objetivo cruel: a escola orisonhos de muita gente boa que ainda existe em nosso país foi sendo destruída. Esfacelaram-na por dentro, acabando com a proposta de horário integral, e, por fora, depredando seu projeto arquitetônico-símbolo. Os espetros de muitos Cieps ficaram espalhados em todo o Estado, testemunhas macabras do desrespeito à criança, à educação pública, ao patrimônio do povo.

Os Centro Integrados de Educação Pública são, sem dúvida um marco (não um marketing, como querem alguns) na educação brasileira. Com eles foi criado um modelo de escola pública com características tão marcantes que, até hoje, vozes vociferantes e hostis, teimam em derrubá-lo. O Ciep incomoda e inquieta. Afinal, é a gente pobre que pode ter vez com este tipo de escola que é, sobretudo, dela.

Entre tropeços e percalços, no entanto, a esperança hoje vai renascendo no Estado do Rio de Janeiro. Esperança de um ensino efetivo na escola pública, de uma cidadania plena para as crianças e jovens. A escola que atende aos pobres como normalmente se atende apenas aos ricos, a escola prazerosa que dá alimento ao corpo enquanto estimula o espírito — Educação, Cultura e Saúde num projeto único e impar — é tão boa que já vai criando imitadores.

E não é apenas no prédio de Niemeyer ou no Ciac do governo federal que o ensino de bom nível e a educação em seu sentido mais amplo vão se dar. Também nas escolas de horário ainda parcial é possível aprimorar a qualidade do ensino, incentivar a leitura, a arte e a cultura, democratizar as relações, criar novos espaços de repensar e discutir.

Apesar da herança de professores em quantidade impressionante fora da sala de aula, de mais de 80 escolas fechadas, de inúmeras obras inacabadas, de 70% de evasão e repetência nas séries iniciais do 1º Grau, da maioria dos Cieps deformados em seu projeto inicial ou totalmente destruídos, a escola pública do Estado do Rio de Janeiro vai delineando o seu futuro. Aqui e acolá começam a aparecer diretores disposto à transformação de suas escolas de dois turnos em escolas de horário integral. Niterói, Volta Redonda, Itaperuna, Valença, Mangaratiba começam a apontar escolas onde será possível seguir o modelo do Ciep. É a "contaminação" positiva; é a educação em marcha esperançosa.

Em nível de Ensino Básico, o Seminário de Alfabetização e Maioridade Social, já realizado em julho na Uerj, demonstrou claramente a vontade dos professores de nossas escolas estaduais de se reunirem para troca de experiências, para discussão da prática pedagógica, procurando saídas para os impasses desta área.

E uma vez que, sem professor competente, não é possível um ensino realmente eficaz, o mesmo tipo de seminário será descentralizado, disfuncionando pelo Estado afora. Já no final de setembro, ele está programado para o Norte Fluminense (Campos) de onde prosseguirá para outros pólos (Nova Friburgo, Cabo Frio, Volta Redonda).

A formação continuada do professor do Ciep e das outras escolas vai-se tornando um projeto prioritário. Os Centros de Formação Continuada irão começar na Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu, para continuarem a se expandir para outros pontos do Estado. Enlaçam-se, assim, num abraço fraterno, as escolas, as secretarias, as universidades, as demais agências culturais e educacionais do Estado, todos no desejo sincero da construção de uma escola pública melhor.

Nesta hora apavorante em que as crianças e os jovens do Brasil são exterminados, em que bebês no colo das mães e tantos outros meninos e meninas vagueiam pelas ruas, é preciso pensar grande, esquecer diferenças, descobrir todas as possibilidades de barrar o destino trágico desta criança, tirá-la do anonimato, fazê-la achar-se e não destruir-se ou ser destruída. Esta tarefa deve ser de todos — governo-sociedade, educadores.

Deixemos, pois, de lado as palavras de descrença, de desavença, de ódio que o vento vai levar, se Deus quiser, e concentremo-nos na palavra-chave para o crescimento verdadeiro da criança: *Educação*.

\* Professora estadual e municipal, coordenadora do Ensino Básico da Secretaria Estadual de Educação do Rio